

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO – UNISAGRADO

PALOMA VIOTTO GALVÃO

OS CARACTERES CHINESES SOB O PONTO DE VISTA DA TRADUÇÃO
INTERSEMIÓTICA

BAURU

2022

PALOMA VIOTTO GALVÃO

OS CARACTERES CHINESES SOB O PONTO DE VISTA DA TRADUÇÃO
INTERSEMIÓTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de bacharel em Letras Tradutor - Centro
Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Viana Belam
Coorientador: Prof. Me. Cesar Augusto
Miranda Matusso

BAURU

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Galvao, Paloma Viotto
G182c Os caracteres chineses sob o ponto de vista da tradução intersemiótica
/ Paloma Viotto Galvao. -- 2022.
26f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patricia Viana Belam
Coorientador: Prof. M.e Cesar Augusto Miranda Matusso

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Tradutor) -
Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Tradução Intersemiótica. 2. Escrita chinesa. 3. Chinês Simplificado.
4. Análise de caracteres chineses. I. Belam, Patricia Viana. II. Matusso,
Cesar Augusto Miranda. III. Título.

PALOMA VIOTTO GALVÃO

**OS CARACTERES CHINESES SOB O PONTO DE VISTA DA TRADUÇÃO
INTERSEMIÓTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de bacharel em Letras Tradutor - Centro
Universitário Sagrado Coração.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Patrícia Viana Belam (Orientadora)
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Dra. Patrícia Aparecida Gonçalves de Faria
Centro Universitário Sagrado Coração

Ziwei Xiong
Universidade de São Paulo

Dedico este à minha mãe, minha família e a todos os meus professores e professoras que me apoiaram nessa jornada.

“A expressão de nossos pensamentos é circunscrita pelas limitações da linguagem. Ao povoar o mundo de signos, dá-se um sentido ao mundo, o homem educa o mundo e é educado por ele, o homem pensa com os signos e é pensado pelos signos, a natureza se faz paisagem e o mundo uma floresta de signos” (PLAZA, 2013, p. 19)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>HSK Words Vizualized</i>	14
Figura 2 - Progressão etimológica do caractere 口 (<i>kǒu</i>).....	15
Figura 3 - Progressão etimológica do caractere 女 (<i>nǚ</i>).....	16
Figura 4 - Caractere 中 (<i>zhōng</i>) representando meio, centro	16
Figura 5 - Caractere 一 (<i>yī</i>) representando a ideia de um, único.....	17
Figura 6 - Componentes do caractere 好 (<i>hǎo</i>)	18
Figura 7 - Componentes do caractere 国 (<i>guó</i>)	18
Figura 8 - Componentes dos caracteres 吃 (<i>chī</i>) e 喝 (<i>hē</i>).....	19
Figura 9 - Componentes dos caracteres 吗 (<i>ma</i>) e 妈 (<i>mā</i>).....	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA	10
3	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LÍNGUA CHINESA MODERNA	11
4	ANÁLISE DOS CARACTERES	14
4.1	PICTOGRÁFICOS	15
4.1.1	口 (<i>kǒu</i>): Boca.....	15
4.1.2	女 (<i>nǚ</i>): Mulher	15
4.2	IDEOGRÁFICOS	16
4.2.1	Ideográficos simples	16
4.2.1.1	中 (<i>zhōng</i>): Meio.....	16
4.2.1.2	一 (<i>yī</i>): Um.....	17
4.2.2	Ideográficos Compostos	17
4.2.2.1	好 (<i>hǎo</i>): Bom	17
4.2.2.2	国 (<i>guó</i>): País, nação.....	18
4.3	SEMÂNTICO-FONÉTICOS	19
4.3.1	吃 (<i>chī</i>): Comer e 喝 (<i>hē</i>): Beber.....	19
4.3.2	吗 (<i>ma</i>): Partícula de pergunta de “sim” ou “não” e 妈 (<i>mā</i>): Mãe	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	21

OS CARACTERES CHINESES SOB O PONTO DE VISTA DA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

Paloma Viotto Galvão¹, Patrícia Viana Belam², Cesar Augusto Miranda Matusso³

¹Graduanda em Letras Tradutor pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)
palomaviotto@gmail.com

²Professora Doutora do departamento de Letras do Centro Universitário Sagrado Coração
(UNISAGRADO)
patricia.belam@gmail.com

³Mestre em Estudos da Tradução do departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (USP)
cesar@cesarmatusso.com

RESUMO

O chinês mandarim é a única língua moderna com um sistema de escrita composto unicamente por logogramas. Por mais que haja uma alternativa romanizada, denominada de *pinyin*, os caracteres chineses são indispensáveis para a comunicação cotidiana dos falantes nativos e, portanto, é de vital importância que um aprendiz da língua entenda a lógica linguística da escrita chinesa. Sendo assim, o presente artigo visa utilizar a teoria da tradução intersemiótica de Jakobson (2003) e Plaza (2013) como ferramenta de análise dos caracteres para ser uma proposta a aprendizes da língua para facilitar a compreensão e eventual memorização dos caracteres, assim como desmistificar a escrita para não-falantes. Para ilustrar como o aprendizado e entendimento da escrita chinesa pode ir além da memorização mecânica e repetitiva, serão analisados dez caracteres simplificados de nível básico divididos em três categorias – pictográficos, ideográficos e semântico-fonéticos – e retirados do material didático *HSK Standard Course 1*.

Palavras-chave: Tradução Intersemiótica; Escrita chinesa; Chinês Simplificado; Análise de caracteres chineses.

ABSTRACT

Mandarin Chinese is the only modern language with a solely logographic writing system. Despite its romanization called *pinyin*, Chinese characters are vital for daily communication among native speakers, therefore it's imperative that its language learner understands the linguistic logic of Chinese writing. Thus, this scientific article uses the intersemiotic translation theory from the works of Jakobson (2003) and Plaza (2013) as a tool to analyze Chinese characters and its writing system to provide learners an alternative for easier understanding and possible memorization of characters, as well as to demystify its writing for non-speakers. To illustrate how Chinese character learning and understanding can go beyond rote learning techniques, the author will analyze ten simplified characters on a beginner level divided in three categories – pictographic, ideographic, and semantic-phonetic – taken out of the HSK Standard Course 1 Coursebook.

Keywords: Intersemiotic Translation; Chinese writing; Simplified Chinese; Chinese character analysis.

1 INTRODUÇÃO

O chinês-mandarim é uma das línguas oficiais da Organização das Nações Unidas junto com o inglês, o espanhol, o francês, o russo e o árabe (ONU, 2022), tendo por volta de 1 bilhão de falantes nativos e 180 milhões de aprendizes da língua ao redor do mundo (ETHNOLOGUE, 2022a). Majoritariamente falada na República Popular da China, um dos maiores parceiros comerciais do Brasil (CARIELO, 2022), o país de proporções continentais fica no oeste asiático e tem uma população de 1,4 bilhão de habitantes (CHINA, 2021), tendo 56 etnias e fazendo fronteira com 15 países, dentre eles Rússia, Índia e Paquistão (COSTA; BORBA, 2014). Apesar de ser o país mais populoso do mundo (ONU, 2019), a China não tem a sua língua tão disseminada, fazendo com que, apesar de ser a língua com mais falantes nativos do mundo, ela não seja tão estudada fora do país.

Esse é um problema tanto para aqueles interessados em aprender chinês quanto para a população nativa que deseja aprender uma segunda língua. De acordo com o levantamento *Ethnologue, Languages of the World* (2022b), a língua inglesa, por exemplo, considerada uma língua franca por muitos estudiosos (TAGUCHI; ISHIHARA, 2018) e com alta relevância para o cenário global do século XXI, tem 300 milhões de falantes nativos e 1 bilhão de aprendizes como segunda língua; porém, ela não é uma língua tão disseminada na China, na qual há quase 16 milhões de aprendizes, que equivalem somente a um pouco mais de 1% de sua população. Em comparação, no Brasil há 10 milhões de falantes de inglês, equivalendo a 5% da população, e por volta de somente 70 mil falantes de chinês-mandarim (ETHNOLOGUE, 2022a).

Essa falta de acesso linguístico por todas as partes pode gerar, portanto, dificuldades para o compartilhamento cultural e a criação de laços pessoais, acadêmicos e comerciais entre a China e o resto do mundo. Felizmente, esse cenário está em rápida mudança e a procura pelo chinês está aumentando mundo afora, inclusive no Brasil, pois há anos o gigante asiático investe na disseminação do Instituto Confúcio (IC) pelo mundo, organização governamental sem fins lucrativos, responsável pela disseminação cultural e linguística da China.

No Brasil, o primeiro IC foi aberto em 2008, na Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP (INSTITUTO CONFÚCIO NA UNESP, 2022), devido a uma parceria com a Universidade de Hubei, localizada na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei. Porém, foi em 2012 que os institutos se popularizaram Brasil afora durante o mandato da presidente Dilma Rousseff. O BRICS, grupo de países emergentes composto por Brasil, Índia, China, Rússia e África do Sul, criado em 2009 (STUENKEL, 2017), foi um elemento importante para que Brasil e China procurassem estender e fortalecer as relações diplomáticas entre si. A criação de mais ICs em Instituições de Ensino Superior públicas e privadas pelo Brasil foi uma das iniciativas previstas pelo Plano Decenal de Cooperação (BRASIL, 2012), vigente de 2012 a 2021, e o Plano de Ação Conjunta (BRASIL, 2015), vigente de 2015 a 2021. Desde então, o intercâmbio cultural entre os dois países se fortaleceu, tendo muito espaço e potencial para crescer ainda mais.

De acordo com Gil (2017), os ICs cumprem um papel importante para unir a China com o resto do mundo, tanto de forma linguística quanto de forma cultural, criando, assim, um poderoso nicho para o país exercer uma influência no âmbito social, conhecido nas relações internacionais como *soft power*. Na questão linguística, os ICs são vitais para gerar esse tipo de influência e gerar laços entre pessoas e, conseqüentemente, comunidades, pois é ao aprender a língua do outro que conseguimos entender como seu mundo funciona.

Com o Brasil não seria diferente, pois são nos ICs espalhados pelo território que a população tem a chance de usufruir de seus serviços presenciais e online. O ensino de língua chinesa, especificamente do chinês-mandarim, é somente um dos diversos serviços oferecidos pelo IC, e exerce um papel fundamental para atingir seus objetivos. Hoje, por exemplo,

materiais em português para aprendizado contínuo do mandarim ainda são muito escassos. O livro para a prova de proficiência oficial de chinês-mandarim, 汉语水平考试 – Hànyǔ Shuǐpíng Kǎoshì (HSK), por exemplo, só existe em inglês. Na Internet, é possível ver que não há um conjunto de livros em português para um curso completo do básico ao avançado. Isso demonstra a necessidade de disseminar a língua chinesa no Brasil, pois é preciso criar uma demanda para que tais livros sejam traduzidos, e só haverá tradutores se houver aprendizes da língua.

No geral, a falta de materiais traduzidos ou com boas traduções do chinês para a língua portuguesa é um agravante para a baixa disseminação da língua chinesa. No Brasil, não é diferente, pois a escassez de material para um curso completo – do iniciante ao avançado – é tanta que professores utilizam materiais de Portugal para darem aula. A falta de professores brasileiros que aprenderam o chinês como segunda língua também é um fator para se considerar, pois professores não-nativos que estudaram a língua tendem, entre outras coisas, a oferecer modelos de aprendizado mais eficientes e a antecipar dificuldades dos alunos (MEDGYES, 2001 apud FLORIS; RENANDYA, 2020, p. 2). Há problemas também fora da sala de aula, pois não há tradutores profissionais o suficiente para trabalhar nas mídias chinesas. Livros, músicas, séries e filmes acabam sendo mais disseminados pelos fãs, geralmente acarretando traduções indiretas do inglês, e causando perda de sentido e contexto das obras. Para séries e filmes, esse fenômeno tem até nome, *fansubs* (*fan* + *subtitles*), pois, pela falta de legendas oficiais ou com qualidade da língua-alvo, os próprios fãs fazem as traduções voluntariamente (WANG, 2014).

Devido ao fato de tanto o Brasil quanto a China serem países continentais e com economias globais fortes, é preciso ir além das relações políticas e estreitar os laços culturais e sociais entre os dois países. A escrita chinesa pode causar muito estranhamento, principalmente em culturas ocidentais cuja utilização do alfabeto latino é predominante; portanto, é imprescindível entender a língua chinesa e desmistificá-la para atrair aprendizes e, assim, poderão se tornar falantes, tradutores e/ou professores da língua.

O objetivo geral deste estudo, portanto, é analisar alguns caracteres chineses simplificados de nível básico sob a perspectiva da tradução intersemiótica, a fim de desmistificar a interpretação entre imagem, palavra e conceito que ocorre na língua. Quanto aos objetivos específicos, o primeiro é expressar os princípios linguísticos que auxiliam no entendimento da escrita chinesa; o segundo é apresentar quatro tipos de caracteres mais recorrentes na língua; e o terceiro é demonstrar como a Linguística Intersemiótica pode ser utilizada como ferramenta de aprendizado e tradução para falantes de vários níveis de proficiência da língua chinesa.

De início, é importante entender a lógica na composição da escrita. Há vários métodos para classificar os caracteres, mas no chinês moderno eles são frequentemente divididos nas categorias semântico-fonéticos, pictográficos, ideográficos, ideográficos compostos, empréstimos fonéticos e cognatos derivados. Dentre os cinco mil caracteres necessários para obter-se fluência na língua, mais de 85% são compostos por dois ou mais elementos sendo que um indica a função da palavra e o outro indica como será a pronúncia aproximada, chamados de semântico-fonéticos. (ZHAO; BALBAUDF, 2008, p. 169).

Para o presente artigo, foram selecionados dez caracteres do primeiro nível da prova oficial HSK. Foram escolhidos dois caracteres pictográficos, dois ideográficos, dois ideográficos compostos e quatro semântico-fonéticos devido à sua alta frequência de uso e de recorrência no livro oficial da prova, o *HSK Standard Course*. A análise será feita a partir da teoria da tradução intersemiótica, embasada pelos trabalhos de Roman Jakobson (2003) e Julio Plaza (2013). A metodologia foi de pesquisa básica com abordagem qualitativa e de caráter exploratório, por meio de levantamentos bibliográficos.

A seguir, como fundamentação teórica deste trabalho, será discutida mais a fundo a teoria da tradução intersemiótica levantada por Jakobson (2003) e discutida por Plaza (2013) e, em seguida, haverá uma breve história da língua chinesa para contextualizar a sua presença no mundo e como a sua escrita foi se alterando para o mundo atual. Antes das considerações finais, haverá as análises dos caracteres elaboradas pela autora e baseadas nos trabalhos de Hoening (2009) e Heisig e Richardson (2009), e no livro *Reading and Writing Chinese*, de McNaughton (2013).

2 TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

Roman Jakobson (2003), nascido em Moscou, em 1896, é uma das principais referências da Linguística. Sua obra é composta por vários artigos científicos, ensaios e análises da língua e linguagem em seu âmbito mais filosófico e abstrato. Em seu artigo Aspectos Linguísticos da Tradução (2003), Jakobson distingue três maneiras de interpretar um signo verbal:

- a) Tradução intralingual ou reformulação (*rewording*), que consiste na interpretação da língua dentro dela mesma. Vemos esse tipo de tradução, por exemplo, em dicionários monolíngues nos quais uma palavra é definida pela sua própria língua de origem;
- b) Tradução interlingual ou tradução propriamente dita, referente à interpretação de uma língua por meio de outra. Esse é o tipo de tradução mais reconhecido na sociedade, presente, por exemplo, em dicionários bilíngues, e na qual o vocabulário de uma língua tem o seu equivalente próximo e/ou uma explicação em outra;
- c) Tradução intersemiótica ou transmutação, que descreve a tradução do meio no qual a língua é inserida, geralmente sendo entre signos verbais para os não verbais e vice-versa. Para ilustrar esse tipo de tradução, basta pensar no roteiro de um filme, no qual palavras e orientações escritas no papel são transformadas em imagens, ações e diálogos. A tradução intersemiótica, portanto, ocorre quando, ao invés de lermos a descrição de uma cortina na janela, nós a observamos ao fundo de uma cena do filme.

No caso desta pesquisa, a abordagem da tradução intersemiótica foi escolhida devido ao caráter imagético dos caracteres chineses. Apesar de existirem elementos que indiquem o som dos caracteres, mesmo que de forma imprecisa, a escrita chinesa não tem um sistema alfabético cujas letras compõem um fonema; portanto, aprender chinês como uma segunda língua requer a tradução intersemiótica como ferramenta para decodificar os elementos imagéticos e transformá-los em palavras e conceitos.

O curso sobre caracteres do aplicativo Skritter (2021) ilustra bem a situação na qual o signo não indica o som e nem significado da palavra ao refletir sobre como interpretamos números. O algarismo 5, por exemplo, é composto de uma linha horizontal, uma vertical e uma curva, e nenhum desses elementos indica que a sua pronúncia em língua portuguesa é /'sin.ko/. A representação do número também não mostra qual é o seu significado, afinal são três riscos para representar a quantidade cinco. Nós sabemos que “5” representa o número inteiro maior que quatro e menor que seis por conta do uso da língua em sua função social. A tradução intersemiótica, portanto, ocorre ao atrelar o som /'sin.ko/ à quantidade numérica e ao signo não-verbal “5”.

Para o falante de língua portuguesa e aprendiz de mandarim, o processo de aprendizagem pode ser facilitado ao criar a consciência de que a tradução entre as línguas não se dará de maneira unicamente interlingual, o que ocorre com línguas que compartilham o mesmo sistema alfabético, como o inglês e o espanhol. A tradução será intersemiótica, pois o ponto de partida do mandarim é um símbolo que será decodificado para uma ideia ou conceito, que, então, será traduzido e adaptado a uma palavra da língua materna.

Jakobson (2003, p. 66) reitera que “[...] gramáticas bilíngues diferenciais deveriam definir aquilo que aproxima e aquilo que diferencia as duas línguas do ponto de vista da seleção e da delimitação dos conceitos gramaticais.”. Ou seja, é preciso saber onde as duas línguas convergem e divergem gramaticalmente. No caso do mandarim, o aprendiz da língua tem que, desde o início, entender que a tradução será principalmente intersemiótica antes de ser interlingual.

Outro autor relevante para a discussão da análise intersemiótica é Julio Plaza. Natural de Madri e nascido em 1938, Plaza foi um artista plástico muito interessado no conceito da interpretação da arte pelo ponto de vista intersemiótico. Um dos motivos da escolha desse autor foi o seu embasamento teórico, e como ele utiliza as teorias de grandes autores como Jakobson e Peirce, referências na Linguística, para criar uma visão geral da teoria intersemiótica.

Em seu livro intitulado *Tradução Intersemiótica* (2013, p. 20), Plaza afirma que “o pensamento traduzido em linguagem atravessa os polos concreto e abstrato da realidade, e como principal instrumento de comunicação, as linguagens são também modelos de translação”. Isso se aplica para a proposta do presente artigo porque a análise da escrita chinesa vai além da equivalência de palavras que ocorrem com outras línguas, pois ela passa entre os polos concretos e abstratos para chegar na formação de sentido. O ato tradutório do chinês para qualquer outra língua, seja em nível morfológico, semântico ou pragmático, é único em sua essência ao fazer elementos gráficos serem interpretados e traduzidos em palavras.

Entender a escrita chinesa vai além do ato de ler, sendo necessário interpretá-la antes de traduzi-la para, assim, chegar a um equivalente que condiz com o contexto no qual ela está inserida. Plaza (2013, p. 30) explica esse conceito como “numa tradução intersemiótica, os signos empregados têm tendência a formar novos objetos imediatos, novos sentidos e novas estruturas que, pela sua própria característica diferencial, tendem a se desvincular do original.”

De acordo com Jakobson, em seu artigo intitulado “A Linguagem Comum dos Linguistas e dos Antropólogos” (2003, p. 16):

Os antropólogos têm sempre afirmado e provado que a linguagem e a cultura se implicam mutuamente, que a linguagem deve ser concebida como uma parte integrante da vida social, que a Linguística está estreitamente ligada à Antropologia Cultural.

Portanto, é imprescindível esclarecer a história da língua chinesa antes da análise de sua escrita, pois a sua lógica só existe por conta da cultura que a usa.

3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LÍNGUA CHINESA MODERNA

O chinês pertence à família sino-tibetana e é considerada uma macrolíngua porque abrange dialetos e muitas variações. Não se sabe com precisão sobre a sua origem, mas há descobertas arqueológicas que indicam a existência da escrita chinesa em sua forma mais básica durante o Período Neolítico, por volta de 4 mil anos A.C. (ZHAO, 2008). De origem milenar, o chinês é a única língua moderna que mantém um sistema de escrita exclusivamente

logográfico, ou seja, que não utiliza um sistema de alfabeto silabário, mas, sim, símbolos que podem combinar elementos imagéticos, fonéticos e/ou semânticos, responsáveis por transmitir uma ideia ou conceito. O hieróglifo e o cuneiforme, línguas há muito já extintas, são exemplos de sistemas logográficos em sua composição escrita. É possível encontrar várias denominações para o 汉字(*hánzi*), símbolos que compõem a escrita chinesa, sendo algumas delas caracteres, ideogramas, sinogramas, logogramas ou fonogramas, por exemplo. No presente artigo, no entanto, o termo escolhido foi “caractere”, pois foi o mais recorrente na bibliografia levantada em português.

De acordo com Alleton (2013), atualmente, a língua japonesa usa os caracteres chineses em uma parte considerável de sua escrita, conhecidos como *kanji*. Ela, porém, não pode ser definida como uma língua completamente logográfica devido ao uso de outros dois alfabetos silabares, o *hiragana* – usado para escritas no geral, preposições e explicações dos *kanjis* – e o *katakana* – para palavras de origem estrangeira adaptadas ao sistema fonético japonês. A língua coreana também tinha um sistema de escrita vindo do chinês tradicional com a pronúncia no sistema fonético coreano, porém os caracteres foram substituídos pelo alfabeto *hangul*.

A própria escrita chinesa tem variações, pois hoje ela é dividida em chinês tradicional e simplificado. A escrita tradicional, com mais traços e mais antiga, é usada em Taiwan, Hong Kong e Macau, enquanto a simplificada é usada na China continental, Malásia e Singapura.

Por causa de sua alta complexidade, a escrita chinesa já sofreu diversas reformas ao longo dos milênios de sua existência. De acordo com Matiusso (2015), em 1935 foi criada a primeira lista de caracteres simplificados, mas foi em 1986 que o governo estabeleceu como prioridade manter a sua escrita inalterada, lançando a última versão da lista de vocabulário. No mesmo estudo, o autor afirma que, em 2001, entrou em vigor a lei que estabelecia o uso da escrita e língua comum chinesa intitulada *Law of the National Commonly Used Language and Script of the PRC*. A versão da lista de caracteres simplificados em vigor é de 2013, que teve poucas mudanças em relação à lista de 1986.

O chinês é uma língua tonal, ou seja, a entonação faz parte de sua semântica. Em janeiro de 1958, criou-se uma maneira de escrever a língua chinesa com um sistema alfabético romanizado, denominado de *pinyin* (ALLETON, 2013). Nele, o caractere é escrito de acordo com a sua pronúncia e o seu tom. Houve tentativas de oficializar a escrita romanizada, mas sem sucesso. A complexidade do uso dos caracteres e as limitações fonéticas da língua falada fazem com que o *pinyin* não seja muito sustentável, pois há muitos homófonos em sua composição. O *pinyin*, portanto, é mais uma ferramenta de alfabetização e aprendizagem do que uma escrita alternativa, pois os nativos não usam esse sistema de escrita com frequência no cotidiano.

Um dos grandes erros dos aprendizes de chinês é subestimar a importância dos caracteres. Os níveis iniciantes dos materiais didáticos geralmente apresentam os caracteres seguidos pelo *pinyin*, as suas equivalências romanizadas. Portanto, para uma aprendizagem completa e efetiva, é imprescindível ir além da gramática e seguir um estudo conjunto da escrita, da pronúncia e do tom.

A escrita chinesa é determinada por cerca de 2.700 caracteres que compõem cerca de 5.000 palavras de seu vocabulário. Um dos passos para desmistificar a escrita chinesa é classificar os seis tipos de caracteres existentes em seu sistema, sendo eles (TSO, 2020):

- a) Semântico-fonéticos ou forma picto-fonética, responsáveis pela esmagadora maioria do vocabulário atual, e compostos por dois caracteres: um que indica o som (fonético), geralmente localizado à direita, e outro que carrega o significado (semântico), geralmente à esquerda;

- b) Pictográficos, que compõem menos de 5% do vocabulário, e que, geralmente, representam um substantivo por meio da imagem, como, por exemplo, “pessoa” (人) e “árvore”(木);
- c) Ideográficos, que são parecidos com pictogramas, mas representam ideias abstratas, como, por exemplo, “para cima” (上) e “para baixo” (下);
- d) Ideográficos compostos ou forma associativa, que usam dois elementos pictográficos e/ou ideográficos para criar um outro sentido, como, por exemplo, 家 (casa) – que é a ideia de uma criação de porcos (豕) embaixo de um teto (宀) – e 看 (olhar, ver) – que transmite a ideia de quando colocamos a mão (手) acima dos olhos (目) para ver algo;
- e) Empréstimos fonéticos ou forma emprestada, resultados da necessidade de criar caracteres com o desenvolvimento da escrita, como, por exemplo, 来 (lái) que, originalmente, significava “soja”, mas, devido a diversas mudanças históricas da língua, hoje significa o verbo “voltar”. Por conta disso, o caractere 麦 (mái) foi criado para representar “soja”, mantendo uma similaridade fonética com o original;
- f) Cognatos derivados ou forma derivada, os mais raros da escrita, cujo contexto histórico e a evolução natural da língua fizeram com que certos caracteres que antes eram cognatos hoje tenham significados diferentes, ou que antigamente eram diferentes e hoje são sinônimos.

Para o propósito do presente artigo, porém, serão descritos com mais detalhes os caracteres semântico-fonéticos, pictográficos e ideográficos compostos por serem os mais relevantes e recorrentes na língua.

Os caracteres foram escolhidos a partir do primeiro volume do material *HSK Standard Course*. O *HSK* é uma das provas de proficiência de língua chinesa oficialmente reconhecidas pelo governo, cuja versão atual está em vigor desde 2010 (PENG; YAN; CHENG, 2021). No momento, ela está passando por mudanças e com previsão de uma nova versão ser lançada nos próximos anos (CTI, 2020). Atualmente, a prova é dividida em 6 níveis, medidos a partir da compreensão oral e textual, tendo como base a quantidade de caracteres e palavras aprendidas. De acordo com a lista oficial de vocabulário da edição ainda vigente (CTI, 2013), o falante da língua tem que saber por volta de 2.600 caracteres para obter fluência, sendo:

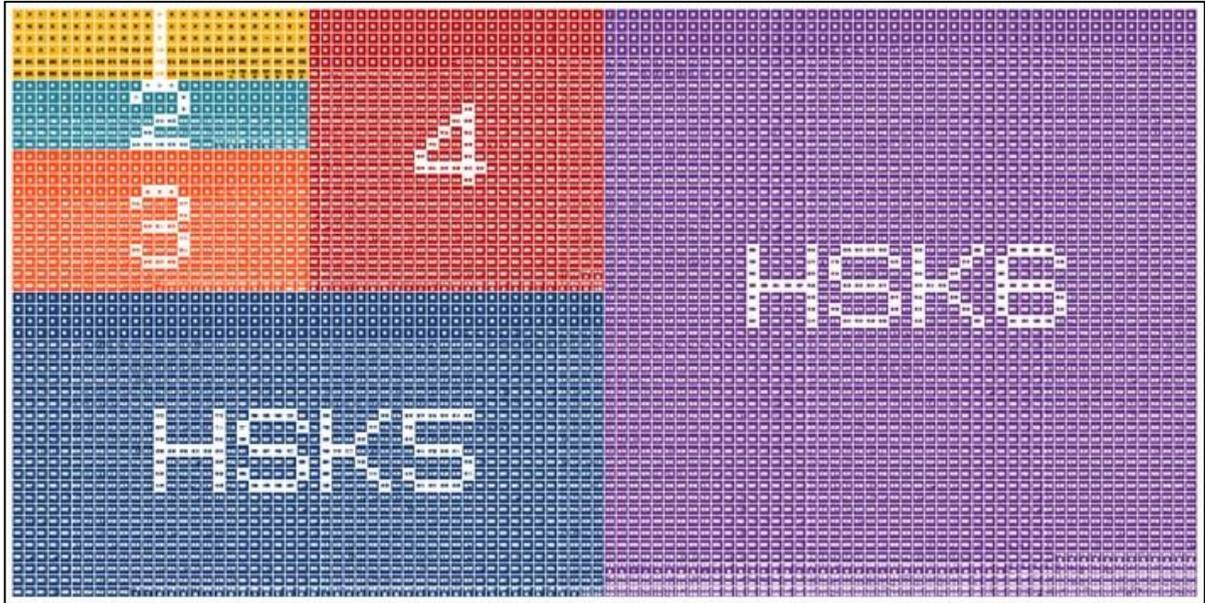
- a) Nível 1: 174 caracteres;
- b) Nível 2: 173 caracteres novos, 347 acumulados;
- c) Nível 3: 270 caracteres novos, 617 acumulados;
- d) Nível 4: 447 caracteres novos, 1064 acumulados;
- e) Nível 5: 621 caracteres novos, 1685 acumulados;
- f) Nível 6: 978 caracteres novos, 2663 acumulados.

A partir desses caracteres, então, é que se criam as palavras. A formação de palavra mais recorrente é com dois caracteres; porém, não há um limite para a quantidade de elementos para a composição de uma palavra. A progressão nos livros do *HSK Standard Course* ocorre da seguinte maneira:

- a) Nível 1: 150 palavras;
- b) Nível 2: 150 palavras novas, 300 acumuladas;
- c) Nível 3: 300 palavras novas, 600 acumuladas;
- d) Nível 4: 600 palavras novas, 1200 acumuladas;
- e) Nível 5: 1300 palavras novas, 2500 acumuladas;
- f) Nível 6: 2500 palavras novas, 5000 acumuladas.

A seguir está uma ilustração da progressão exponencial das palavras, não só caracteres, a serem aprendidas por nível determinado para o *HSK* em vigor. Cada área separada pelas linhas brancas é uma palavra a ser aprendida.

Figura 1 – *HSK Words Vizualized*



Fonte: <https://www.chinesezerohero.com/hsk-word-vis/>

Logo, é de suma importância que um aprendiz de mandarim se dedique para memorizar e entender os caracteres chineses, pois o número de palavras, por volta de 5 mil, é relativamente pequeno quando comparado com o português brasileiro, que tem mais de 380 mil palavras em seu vernáculo (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2021). O limitado número de caracteres chineses faz com que seu vocabulário e sua sintaxe sejam quase um jogo de encaixe de sentidos, por isso depender somente da sua romanização – do *pinyin* – ou não priorizar o reconhecimento de caracteres durante o processo de aprendizagem pode gerar grandes desvantagens a longo prazo. Portanto, a proposta de trazer a análise dos caracteres simplificados mais usados parte dessa necessidade de uma compreensão mais objetiva. Entender o alicerce da escrita chinesa é uma ferramenta poderosa para aprendizes e falantes da língua, independentemente do nível de fluência.

4 ANÁLISE DOS CARACTERES

Como mencionado anteriormente, os caracteres a seguir foram retirados do primeiro livro do *HSK Standard Course* (LIPING et al, 2013).

Serão analisados dois caracteres pictográficos, dois ideográficos, dois ideográficos compostos, e quatro semântico-fonéticos. É importante lembrar que traduzir um caractere chinês muitas vezes vai além da interpretação imagem → palavra. É preciso entender o caractere como imagem que se traduz em uma ideia ou conceito, pois toda língua em toda sua complexidade vai muito além das definições do dicionário.

Vale ressaltar que as análises feitas são para um entendimento introdutório e iniciante à escrita chinesa, e que a complexidade do uso dos caracteres aqui discutidos é uma área ainda a ser explorada, principalmente dentro da língua portuguesa.

Todas as análises foram inspiradas no trabalho de McNaughton (2013). A seguir serão analisados dois caracteres pictográficos.

4.1 PICTOGRÁFICOS

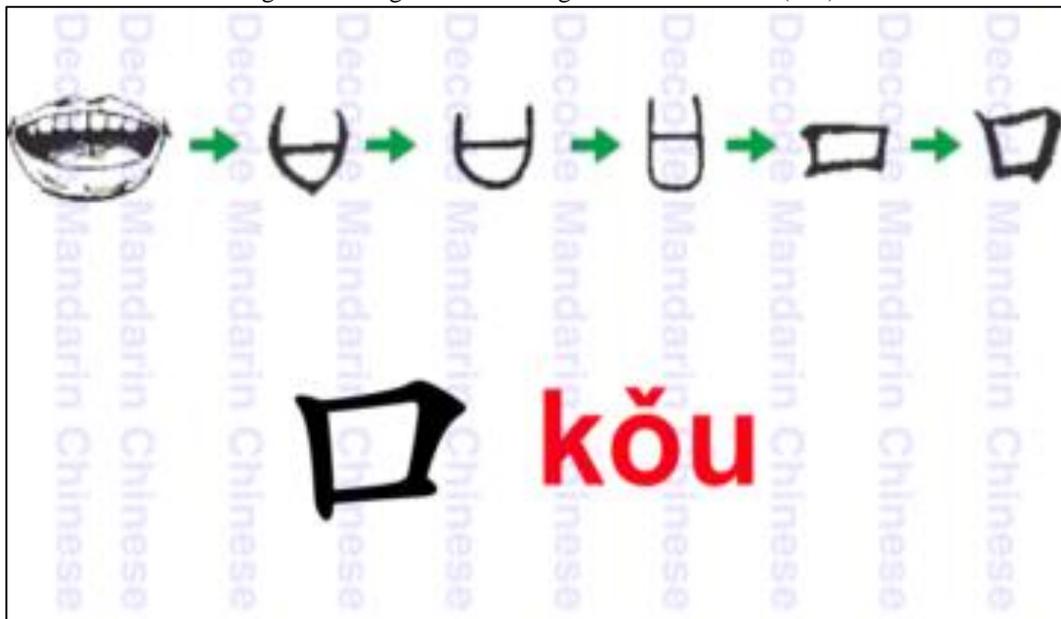
São caracteres imagéticos que geralmente representam um substantivo concreto. Atualmente, eles não são tão recorrentes na língua e chegam a compor 5% do vocabulário moderno.

Abaixo, serão feitas as análises, respectivamente, dos caracteres 口 (boca) e 女 (mulher).

4.1.1 口 (kǒu): Boca

Esse caractere é recorrente em palavras compostas e é também muito usado como radical de um caractere composto. Hoje, o caractere utilizado para denominar a parte do corpo é 嘴 (zuǐ). Nos semântico-fonéticos, 口 adota o sentido de coisas que fazemos com a boca, como “comer” 吃, “beber” 喝, “perguntar” 问 etc.

Figura 2 - Progressão etimológica do caractere 口 (kǒu)



Fonte: <https://www.decodemandarinchinese.com/component-mouth/>

Por aparecer mais como radical ao invés de um caractere na composição de uma palavra, 口 ocupa a 801ª posição do dicionário de frequência (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009, P. 54).

4.1.2 女 (nǚ): Mulher

Originalmente, refere-se a uma mulher ajoelhada, mas alguns também o interpretam como uma mulher de pernas cruzadas. O caractere 女 engloba tudo que se refere ao feminino e, portanto, pode ser traduzido não só como “mulher”, mas também “fêmea”, “menina”, “materno” etc. Ele também aparece como radical em muitos caracteres compostos, como 奶 (nǎi – leite), 她 (tā – pronome ela, dela), 妈 (mā – mãe).

Figura 3 - Progressão etimológica do caractere 女 (nǚ)



Fonte: <https://www.decodemandarinchinese.com/component-%e5%a5%b3-a-woman-on-her-knees/>

Diferentemente do anterior, esse caractere aparece com mais frequência, ocupando a 184ª posição do dicionário de frequência (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009, P. 28).

A seguir, serão analisados quatro caracteres ideográficos, sendo dois simples e dois compostos.

4.2 IDEOGRÁFICOS

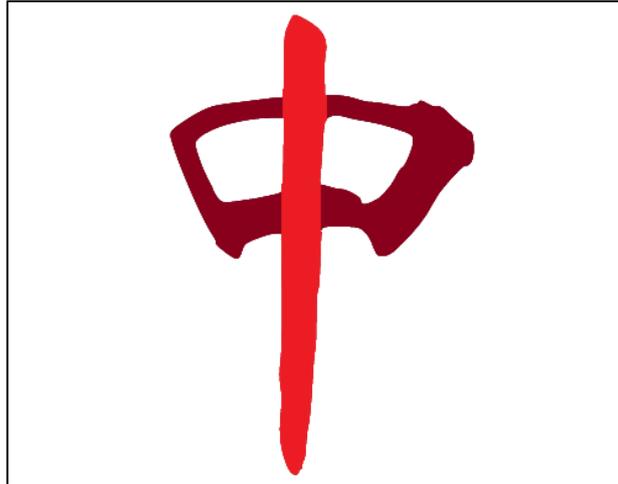
Os caracteres ideográficos geralmente aparecem para representar substantivos abstratos. Os ideogramas simples são também pictográficos por serem praticamente autoexplicativos. Já os ideogramas compostos são construídos com dois ou mais caracteres que criam quase uma história para transmitir seu sentido.

4.2.1 Ideográficos simples

4.2.1.1 中 (zhōng): Meio

Esse caractere é bem claro em seu significado, pois é um risco vertical dividindo um retângulo ao meio. Ele pode significar também “centro”, “central”, “cerne”, “núcleo” etc. Vale salientar que 中 transmite um conceito mais pontual, pois para representar uma metade quantitativa ou algo incompleto, o caractere usado é 半 (bàn).

Figura 4 - Caractere 中 (zhōng) representando “meio”, “centro”



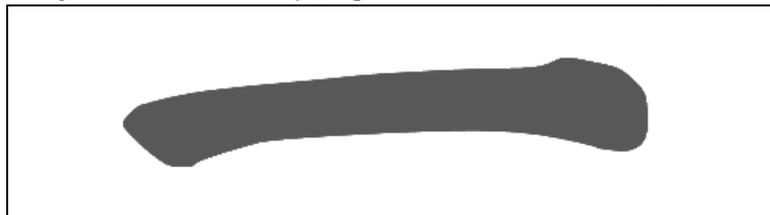
Fonte: Elaborada pela autora.

No dicionário de frequência (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009, P. 21), ele aparece em 30º lugar. Um dos prováveis motivos por aparecer em uma posição tão alta é porque ele compõe a palavra China: 中国 (*zhōngguó*): 中 (centro) + 国 (país).

4.2.1.2 一 (*yī*): Um

De acordo com Xiao, Rayson e McEnery (2009, p. 20), esse é o terceiro caractere mais frequente da língua chinesa. Assim como os anteriores, ele não representa somente o número 1 (um), mas o conceito de “unidade”, “primeiro”, “único”, “completo”, como também pode ser usado como artigo indefinido. A interpretação dos números “um”, “dois” e “três” seguem a mesma lógica, com um traço representando a quantidade: 一, 二, 三.

Figura 5 - Caractere 一 (*yī*) representando a ideia de “um”, “único”



Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.2 Ideográficos Compostos

Os ideogramas compostos são construídos a partir de dois ou mais caracteres que, quando interpretados juntos, criam um terceiro sentido.

4.2.2.1 好 (*hǎo*): Bom

É possível interpretar esse caractere como sendo “o amor de uma mãe (女) pelo seu filho (子) é algo bom (好)”. Quando junto com outros caracteres, ele compõe palavras com conotações positivas como, por exemplo, “acolhedor” (好客, *hǎokè*) – “alguém que é bom (好) com a visita” (客) – e “delicioso” (好吃, *hǎochī*) – “uma comida boa (好) de comer” (吃). Esse caractere também está presente na famosa forma de se cumprimentar alguém 你好 (*nǐhǎo*), cuja tradução literal é “você (你) bem (好)”.

Figura 6 - Componentes do caractere 好 (hǎo)



Fonte: Elaborada pela autora.

Além disso, 好 é um importante sufixo para indicar que uma ação foi finalizada de maneira satisfatória (LIPING; MIAO; LIN, 2014, p. 4), o que lhe garante a 28ª posição no dicionário de frequência (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009, P. 21).

4.2.2.2 国 (guó): País, nação

Aparecendo em 105º lugar no dicionário de frequência (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009, P. 24), 国 pode ser definido como “país”, “nação” ou “Estado”. Ele aparece como um substantivo composto de alguns países, como China (中国 zhōngguó), Tailândia (泰国 tàiguó), Estados Unidos (美国 měiguó) e França (法国 fǎguó).

Esse caractere pode ser separado em dois componentes: 玉 (yù) – que significa “jade” – enquanto 囗 (wéi) significa “borda”, “fronteira”, “invólucro”. Portanto, é possível interpretar o caractere como “um país (国) retém seu tesouro (玉) dentro de sua fronteira (囗)”.

Figura 7 - Componentes do caractere 国 (guó)



Fonte: Elaborada pela autora.

Vale notar que 囗 (wéi) e 口 (kǒu) são caracteres praticamente idênticos, mas que diferem na função que exercem em um caractere composto. O “quadrado” vai assumir a

função de fronteira (冫 – *wéi*) quando algum outro elemento estiver dentro dele, mas se ele for menor e estiver vazio, será 冫 (*kǒu*).

Na próxima seção, serão analisadas duas situações diferentes referentes aos caracteres semântico-fonéticos: primeiro quando se usa o mesmo radical e a pronúncia é determinada pelo elemento à direita e, em seguida, quando os caracteres têm a mesma pronúncia e o radical determina o sentido.

4.3 SEMÂNTICO-FONÉTICOS

Esse tipo de caractere é considerado o mais recorrente do chinês moderno, podendo ser classificado como um fonograma (MATIUSSO, 2015). Ele é composto por dois caracteres, sendo que um determina o sentido (semântico) enquanto o outro determina o som (fonético). Diferentemente dos ideogramas compostos, não há uma correlação direta entre os elementos que o compõem. O caractere geralmente é formado por um radical, aquele que determina o sentido, à esquerda, e o componente fonético, à direita. Há casos em que o caractere é composto na vertical, e o radical fica em cima e o elemento fonético fica embaixo.

A lista de radicais mais conhecida e utilizada atualmente foi criada no século XVIII pelo imperador Kangxi, da Dinastia Qing. O dicionário *Kangxi* (康熙字典 *kāng xī zì diǎn*), comissionado em 1710 e terminado em 1716, originalmente contém 47.035 caracteres organizados entre 214 radicais (BILLINGS, 2007). Alguns radicais foram simplificados ao longo do tempo e outros só existem no chinês tradicional, e hoje eles são extremamente relevantes para compreender melhor os componentes da escrita chinesa.

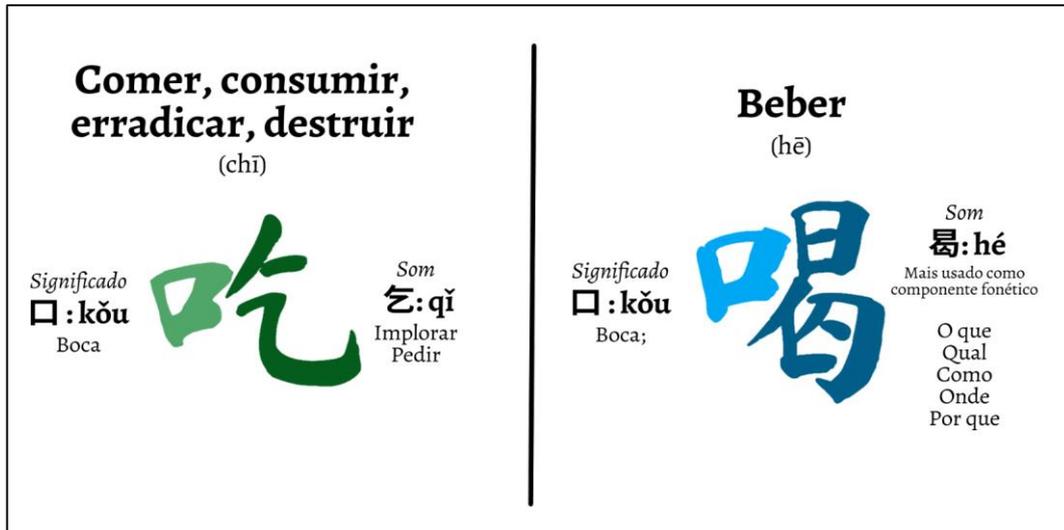
Um exemplo prático para ilustrar a importância dos radicais na língua é quando se cria um caractere composto com 青 (*qīng*) como elemento fonético, que sozinho significa “juventude”. Os caracteres 请 (*qǐng*), 晴 (*qíng*) e 清 (*qīng*) têm a sua pronúncia quase idêntica, mudando apenas o tom. Uma maneira de memorizá-los sem correr o perigo de confundi-los é analisar seus radicais.

Qǐng (请) significa “convidar”, e é possível deduzir seu significado por conta do radical 讠 (*yán*), visto anteriormente, pois ele é usado para ações referente à linguagem. *Qíng* (晴) significa “tempo aberto”, sendo que seu radical 日 (*rì*) é utilizado muitas vezes para questões meteorológicas. Um dos significados de *qīng* (清) é “limpar”, e a dedução ocorre devido ao radical 氵 (*shuǐ*), que significa “água”. É possível adicionar nessa lista um dos caracteres usados para compor a palavra “olho” 睛 (*jīng*), cuja pronúncia da consoante difere um pouco dos anteriores, mas se mantém bem próxima. O radical aqui é 目 (*mù*), que significa “olho”. Por isso, é importante o aprendiz de chinês estar disposto a dedicar parte de seus estudos para entender a estrutura dos caracteres e sair da comodidade do *pinyin*.

4.3.1 吃 (*chī*): Comer e 喝 (*hē*): Beber

Este é um caso no qual temos o elemento semântico igual e o fonético diferente. O radical 口 (*kǒu*), como já discutido previamente, é utilizado para ações que se faz com a boca, por isso a sua presença em ambos os verbos. Tanto o elemento fonético 乞 (*qǐ*) – “implorar”, “pedir” – quanto o 曷 (*hé*) – partícula de pergunta – são caracteres muito arcaicos que não são mais tão comuns atualmente.

Figura 8 - Componentes dos caracteres 吃 (*chī*) e 喝 (*hē*)



Fonte: elaborada pela autora.

No dicionário de frequência (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009), 吃 (comer) se encontra na 137ª posição (p. 25) e 喝 (beber) na 519ª (p.43).

4.3.2 吗 (ma): Partícula de pergunta de “sim” ou “não” e 妈 (mā): Mãe

Esse é um exemplo no qual temos o mesmo elemento fonético 马 (mǎ), que, sozinho, significa “cavalo”, mas com indicativos de significado diferentes. Aqui, retomamos os dois caracteres vistos na análise dos pictográficos, 口 (kǒu), “boca”, e 女 (nǚ), “mulher”. A partícula 吗 (ma) não tem uma tradução direta e aparece no final da frase para indicar uma pergunta cuja resposta tem que ser “sim” ou “não”. Ela ocupa a 116ª posição no dicionário de frequência (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009, p. 24) por ser um elemento muito importante para a formação de frases, principalmente faladas. Já 妈 (mā) aparece na 573ª posição (XIAO; RAYSON; MCENERY, 2009, p. 45) e é uma maneira muito informal de se falar “mãe”.

Figura 9 - Componentes dos caracteres 吗 (ma) e 妈 (mā)



Fonte: elaborada pela autora.

Finalizada a análise dos caracteres, serão feitas, na sequência, as considerações finais sobre o tema do presente artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita chinesa é a única que utiliza um sistema logográfico atualmente, o que pode causar certo estranhamento para os não-falantes. A sua estrutura difere muito das línguas modernas, principalmente das ocidentais, o que causa um desafio maior para o aprendiz estudá-la. O objetivo do presente artigo foi usar conceitos da tradução intersemiótica para ilustrar a lógica linguística por trás da composição dos caracteres simplificados, oferecendo, assim, uma possibilidade de interpretação que pode ser aplicada aos estudos de chinês-mandarim como segunda língua e também pode vir a ser uma ferramenta poderosa para tradutores e intérpretes. O foco na escrita chinesa ocorre devido à sua relevância para um aprendizado e uso efetivo da língua, pois, por mais que haja o *pinyin*, uma transcrição romanizada dos caracteres, ela não é utilizada no cotidiano da população chinesa e tampouco é vista como uma alternativa de modalidade de escrita entre os falantes nativos. Logo, é imprescindível o entendimento e, conseqüentemente, a memorização dos caracteres para que a proficiência do mandarim seja alcançada de forma completa e efetiva.

Em vista disso, a tradução intersemiótica foi usada como base para analisar e pormenorizar dez caracteres simplificados da língua chinesa, sendo dois pictográficos, quatro ideográficos e quatro semântico-fonéticos. A escolha foi feita a partir da relevância dos caracteres de acordo com o livro *HSK Standard Course 1* (LIPING, J. *et al.*, 2013). Notou-se que os caracteres pictográficos e ideográficos são mais primordiais e aparecem com muita frequência na língua. A categoria mais relevante, no entanto, são os caracteres semântico-fonéticos, pois eles compõem até 85% do vocabulário utilizado hoje no mandarim. Eles geralmente são compostos por dois elementos - um que determina o significado e outro que determina o som.

O presente artigo, portanto, quis oferecer um pequeno vislumbre da complexidade e vastidão da língua chinesa para falantes de língua portuguesa. Fazer a leitura do imagético e transformá-la em palavras, conceitos ou ideias é uma estratégia de análise que parte da tradução intersemiótica. Quando se entende a formação dos caracteres e como eles refletem a realidade da língua chinesa, é possível ir além da memorização mecânica e repetitiva para assim assimilar a linguagem em sua totalidade.

Vale ressaltar que a autora, atualmente aprendiz iniciante de chinês mandarim, pretende tornar-se professora de chinês como segunda língua dentro de alguns anos. Durante o processo de levantamento bibliográfico, notou-se uma defasagem de pesquisas científicas sobre o tema de ensino de chinês como segunda língua, principalmente para falantes de português; portanto, há o desejo de fazer uma pesquisa mais robusta de pós-graduação na área da Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas para dar continuidade aos estudos iniciados na graduação de tradução. A intenção é colaborar para a democratização do ensino da escrita chinesa simplificada por meio de análises intersemióticas similares ao que foi feito no presente estudo, mas em uma rede social, para que seja mais acessível aos aprendizes de mandarim.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-ortografico>. Acesso em: 14 out. 2022.

ALLETON, V. **Escrita Chinesa**. 1. ed. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. (Coleção L&PM POCKET, v. 844).

BILLINGS, T. **Making Friends with the Kangxi Zidian 康熙字典**: An Introduction. Unpublished occasional paper. Middlebury: Middlebury College, 2007.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Plano de Ação Conjunta entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China 2015-2021**. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 2015. Disponível em: <https://concordia.itamaraty.gov.br/detalhamento-acordo/11608?TituloAcordo=cibern>. Acesso em: 11 out. 2022.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Plano decenal de cooperação entre o governo da república federativa do brasil e o governo da república popular da china**. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 2012. Disponível em: <https://concordia.itamaraty.gov.br/detalhamento-acordo/7337>. Acesso em: 11 out. 2022.

CARIELO, T. **Investimentos chineses no Brasil: 2021, um ano de retomada**. Rio de Janeiro: Conselho Empresarial Brasil-China, 2022.

CHINA. National Bureau of Statistics of China. 2-1 Population and its Composition **China Statistical Yearbook 2021**. Pequim: China Statistcs Press, 2021. Disponível em: <http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2021/indexeh.htm>. Acesso em: 08 out. 2022.

COSTA, C.; BORBA, C. R. **China made in Brasil**: histórias, curiosidades e personagens sobre dois séculos de aproximação entre o Brasil e seu principal parceiro comercial. Tradução para o chinês de Ana Qiao Jianzhen. Rio de Janeiro: Babilônia Cultura Editorial, 2014.

CTI – CHINESE TESTING INTERNATIONAL CO., LTD. 新汉语水平考试(HSK)词汇 (2012 年修订版). In: **Chinese Test**: 资源下载 | Download, nov. 2013. Disponível em: <https://www.chinesetest.cn/godownload.do>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CTI – CHINESE TESTING INTERNATIONAL CO., LTD. **HSK is about to be reformed**. Beijing, 21 maio 2020. Twitter @HSKTestOfficial. Disponível em: <https://twitter.com/HSKTestOfficial/status/1263362479553302529?ext=HHwWgsCmhenerogjAAAA>. Acesso em 25 nov. 2022.

ETHNOLOGUE, LANGUAGES OF THE WORLD. **Chinese**. Texas: SIL International, 2022a. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/language/cmn>. Acesso em: 11 out. 2022.

ETHNOLOGUE, LANGUAGES OF THE WORLD. **English**. Texas: SIL International, 2022b. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/language/eng>. Acesso em: 11 out. 2022.

FLORIS, F. D.; RENANDYA, W. A. Promoting the Value of Non-Native English-Speaking Teachers. **PASAA**, Bangkok, v. 59, p 1-19, jun. 2020. ISSN: 2287-0024. Disponível em: https://www.culi.chula.ac.th/publicationsonline/current_volume_p1.php?journal_id=71. Acesso em: 11 out. 2022.

GIL, J. **Soft Power and the Worldwide Promotion of Chinese Language Learning**: The Confucius Institute Project. Bristol: Multilingual Matters, 2017.

- HEISIG, J.W.; RICHARDSON, T. W. **Remembering Simplified Hanzi**: book 1: how not to forget the meaning and writing of Chinese characters. 1. ed. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.
- HOENING, A. **Chinese Characters: Learn & Remember 2,178 Characters and their meanings**. 1. ed. New York: EZChinese.com, 2009.
- INSTITUTO CONFÚCIO NA UNESP. **Quem Somos**. São Paulo: Instituto Confúcio. Disponível em: <https://www.institutoconfucio.com.br/sobre/>. Acesso em: 12 out. 2022.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. 19. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- LIPING, J. *et al.* **HSK Standard Course 1**. Pequim: Beijing Language & Culture University Press, 2013.
- LIPING, J.; MIAO, Y.; LIN, L. **HSK Standard Course 3**. Pequim: Beijing Language & Culture University Press, 2014.
- MCNAUGHTON, W. **Reading and Writing Chinese: A comprehensive guide to the chinese writing system**. 3 ed. Revisão por Jiageng Fan. North Clarendon: Tuttle publishing, 2013.
- MATIUSSO, C. A. M. **Chinês: Simplificado?** A simplificação dos ideogramas chineses, seus métodos e suas consequências. 2015. Dissertação (Bacharel em Letras Chinês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. **World Population Prospects 2019: Highlights**. Nova York: Nações Unidas, 2019.
- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Official Languages**. New York: United Nations, 2022. Disponível em: <https://www.un.org/en/our-work/official-languages>. Acesso em: 13 out. 2022
- PENG, Y.; YAN, W.; CHENG, L. Hanyu Shuiping Kaoshi (HSK): A multi-level, multi-purpose proficiency test. **Language Testing**, California, v. 38, n. 2, p. 326 – 337, abr. 2021. DOI: 10.1177/0265532220957298. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0265532220957298>. Acesso em: 13 out. 2022.
- PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013
- SKRITTER. **The Skritter Character Course Section 2: Pictographs**. California, 2021. Disponível em: <https://skritter.com/>. Acesso em: 24 out. 2022.
- STUENKEL, O. **BRICS e o futuro da ordem global**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- TAGUCHI, N., & ISHIHARA, N. The Pragmatics of English as a Lingua Franca: Research and Pedagogy in the Era of Globalization. **Annual Review of Applied Linguistics**, Cambridge, v. 38, p. 80-101, set. 2018. DOI:10.1017/s0267190518000028. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/annual-review-of-applied-linguistics/article/abs/pragmatics-of-english-as-a-lingua-franca-research-and-pedagogy-in->

the-era-of-globalization/A1839B76189CAD535DBB4D112C285C2F. Acesso em: 11 out. 2022.

TSO, F. W. C. Ensino dos caracteres chineses aos aprendizes brasileiros. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 06, nº especial, jul. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/6637>. Acesso em: 13 out. 2022.

WANG, F. Similarities and Differences between Fansub Translation and Traditional Paper-based Translation. **Theory and Practice in Language Studies**, Londres, v. 4, n. 9, p. 1904-1911, set. 2014. DOI: 10.4304/tpls.4.9.1904-1911. Disponível em: <http://www.academypublication.com/issues/past/tpls/vol04/09/20.pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.

XIAO, R; RAYSON, P; MCENERY, T. **A Frequency dictionary of Mandarin Chinese: Core Vocabulary for learners**. 4. ed. Oxford: Routledge, 2009

ZHAO, S.; BALDAUF, R. B. **Planning Chinese Characters**, Dordrecht: Springer, 2008. 418 p.